

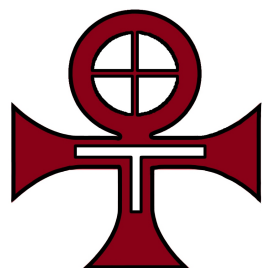
# ÆGYPTOLOGUS

*Cadernos de Divulgação Científica*



VOLUME 2

2018



# ÆGYPTOLOGUS

---

*Cadernos de Divulgação Científica*

**VOLUME II  
2018**



## ÆGYPTOLOGUS – *Cadernos de Divulgação Científica*

### **Diretor, Editor:**

Ronaldo G. Gurgel Pereira, Post-doc.

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Onassis Fellow, University of the Aegean, Department of Mediterranean Studies

### **Coordenadora, Editora Assistente:**

Catarina Bernardes Neves Miranda

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

### **Volume 2 – Lisboa – Junho de 2018**

### **Venda Proibida**

**ISSN: 2184-0474**

### **Para citar a obra:**

Gurgel Pereira, R. G., Miranda, Catarina B. N., (orgs.), *Aegyptologus – Cadernos de Divulgação Científica – vol. 2*, Lisboa, 2018.

Link: <http://www.aegyptologus.com/cadernos/biblioteca/>

### **Capa:**

Udjat – Fragmento de relevo lítico em mármore (Nr. de Inventário: E 38).

Museu Nacional de Arqueologia – Lisboa.

### **© CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS:**

Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF). Fotógrafo: José Pessoa (1993).

[www.aegyptologus.com](http://www.aegyptologus.com)

[CONTACTO@AEGYPTOLOGUS.COM](mailto:CONTACTO@AEGYPTOLOGUS.COM)



# ÍNDICE

<b>ANÚNCIO EDITORIAL DO SEGUNDO VOLUME .....</b>	<b>3</b>
<b>ESTUDOS .....</b>	<b>5</b>
ETNICIDADE E MULTICULTURALISMO: UM ESTUDO DE CASO DAS ESTELAS FUNERÁRIAS DE ABIDOS DURANTE O EGITO ROMANO (30 AEC - 395 EC) .....	6
CARTOGRAFIAS DO ALÉM: O MUNDO DOS VIVOS E O UNIVERSO DOS MORTOS NO ANTIGO EGITO .....	13
A GÊNESE DO TEMPO E DA MEMÓRIA DO ANTIGO EGITO: CONTRIBUTOS DO PAPIRO WESTCAR E DA LISTA REAL DE SETI I EM ABIDOS .....	19
“CONFRATERNIZAI COM SUA MAJESTADE NO VOSSO CORAÇÃO!” .....	26
O USO MEDICINAL DO PÓ DE MÚMIA NA FRANÇA DE LUÍS XIV .....	33
A PROTECÇÃO MÁGICA DA «PRIMEIRA INFÂNCIA» NO EGITO ANTIGO .....	39
A FORGOTTEN COLLECTION: RE-INTRODUCING THE EGYPTIAN ARTIFACTS IN BRAZIL’S NATIONAL MUSEUM TO EGYPTOLOGY .....	43
<b>ENTREVISTA .....</b>	<b>48</b>
MARIA HELENA TRINDADE LOPES.....	49
<b>RESENHA.....</b>	<b>57</b>
JESSICA ALEXANDRA MONTEIRO SANTOS: “UMA EGIPTÓLOGA PORTUGUESA” .....	58
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>60</b>
<b>GUIDELINES.....</b>	<b>61</b>



# “Confraternizai com Sua Majestade no Vosso Coração!”

## O Fenómeno Lealista no Império Médio Inicial

Marcus Carvalho Pinto, (MA em História, Egiptologia, Universidade Nova de Lisboa)

[marcus.carvalhopinto@hotmail.com](mailto:marcus.carvalhopinto@hotmail.com)

Investigação de mestrado em Egiptologia pela Universidade Nova de Lisboa

Bolseiro de investigação do CHAM – Centro de Humanidades.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Trindade Lopes, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

**Resumo:** *Caracterização do fenómeno político ao qual denominamos Lealismo, aprofundando a sua significação e problematizando os elementos que o constituem. Fenómeno circunscrito ao Império Médio, o foco é o reinado do faraó Senuseret I.*

**Palavras-chave:** Lealismo, Império Médio Inicial, Senuseret I.

### Introdução

O objetivo ao qual aqui nos propomos é o de sintetizar os argumentos e os resultados obtidos na investigação que foi finalizada com a defesa de uma dissertação de mestrado<sup>1</sup>, em 2016.

A questão central da investigação prendia-se ao Lealismo, compreendido não como um subgénero da literatura, que de tal forma estaria circunscrito a um par de obras literárias datadas do Império Médio, mas sim como um fenómeno político com um grande espectro de influência na sociedade egípcia. Assim, a proposta era a de definir e perceber o

Lealismo através do conjunto de relações entre o soberano e seus súbditos, conectados através de uma ideologia de Estado, na qual os reflexos das decisões individuais eram sentidos coletivamente. Este fenómeno foi estudado no contexto de restauração do poder faraónico após o Primeiro Período Intermédio, fase durante a qual a XII dinastia implementou um amplo projeto político-cultural. A pesquisa centrou-se especialmente no Império Médio Inicial e no reinado de Senuseret I, altura em que alguns dos elementos que utilizámos para analisar o Lealismo foram criados e

---

<sup>1</sup> PINTO, (2016).

em que outros chegaram ao seu apogeu de desenvolvimento. Tem-se como marca o forte entrelaçamento da política com a capacidade argumentativa e a literatura.

## **A Construção de um Fenômeno: O Conceito de Lealismo**

Apesar de datado do Império Médio, as origens do fenômeno Lealista são encontradas ainda no Império Antigo, seguido pelo contexto de perda do poder faraônico e da unidade territorial experienciado durante o Primeiro Período Intermédio. Com a reunificação, durante a XII dinastia, a fórmula que se calcava na fidelidade dos nomarcas foi revista e o Lealismo foi criado e aprimorado. O recuo temporal justifica-se pela necessidade de se perceber os elementos que serviram para afirmar a ideologia real e a soberania, bem como para salvaguardar a unidade do domínio faraônico.

O primeiro momento, experienciado durante o Império Antigo, caracteriza-se pela progressiva perda de poder por parte do monarca e da casa real devido a fatores como a complexificação da burocracia para além do círculo real, as reformas de transferência de terras da Coroa para os templos, uma

administração local com maior autonomia e a acentuação da prática de casamentos das filhas reais com membros não-reais da oficialidade, como forma de assegurar a fidelidade. Se, por um lado, temos um crescente interesse na racionalização da administração das províncias, a integração das elites num espectro mais amplo da administração conduziu a um cenário em que, mais do que as elites locais necessitarem das benesses do poder central, era a realeza que se tinha tornado dependente da fidelidade dos grandes do reino, tendo de se conformar com a limitação da sua política.<sup>1</sup>

O segundo momento dá-se após a queda do Império Antigo, com a dissolução da unidade territorial e o início do processo de expansão tebana, a partir do reinado de Intef I. Esta fase culminou com o reinado de Mentuhotep II, que consegue novamente unificar o país, marcando o começo do Império Médio. Para além de importantes reformas políticas e administrativas, que incluíram a mudança da capital e a adoção da prática da corregência, o Império Médio Inicial foi marcado pela coexistência de características que apontam para uma administração altamente centrada e de traços de um sistema descentralizado, com os nomarcas a deterem um alto nível

---

<sup>1</sup> HORNUNG, (1978: 52).

de independência.<sup>1</sup> Ao contrário do que se presenciou no Império Antigo, esta integração era gerida de forma a fortalecer o poder central e não o inverso.

O processo de criação e afirmação de uma nova dinastia, bem como o de reunificação do Estado, foi acompanhado de um movimento de cariz ideológico. Os governantes da XI dinastia, não só se apresentaram como verdadeiros monarcas, apresentaram-se como os defensores de um projeto de Estado que visava a unidade. Mesmo após Mentuhotep II, esta é uma marca que não foi apagada e que se seguiu nos reinados da XII dinastia. A temática da união e da soberania faraónica tornam-se centrais para este projeto de Estado. Esta afirmação é sustentada pela interpretação do desenvolvimento do protocolo real dos faraós do Império Médio Inicial, primeiro sinal da proclamação real,<sup>2</sup> bem como pela análise de fontes iconográficas como, por exemplo, a Capela de Mentuhotep II, em Dendera. Ambos revelam não apenas o desejo de legitimação, mas também a sua relação com o projeto de reunificação do Egito. No Império Médio, em especial durante o reinado de Senuseret I, desenvolver-se-ia uma ideologia que procurava governar a sociedade em harmonia, através da

eloquência e explanação.<sup>3</sup> Neste cenário, o Lealismo torna-se numa estratégia-chave para garantir a governabilidade, a unidade e a soberania, com o Estado passando a promover e a impor a lealdade dos seus súbditos. O conceito de Lealismo pode, portanto, ser definido como um fenómeno político do Império Médio, cujo desenvolvimento maior é experienciado durante o reinado de Senuseret I. Centrando-se na relação do faraó com os seus súbditos, ao mesmo tempo em que se apoia em fundamentos culturais, explora-os e modifica-os com o intuito de assegurar a unidade territorial e a soberania faraónica. O Lealismo calca-se numa conceção de mundo em que as decisões pessoais têm um reflexo na sociedade como um todo. Para atingir o seu objetivo, promove e impõe a lealdade através da utilização da máquina administrativa e ideológica do Estado, não deixando espaço para a neutralidade.

### **A Base Política de Senuseret I: Identidade, Memória Cultural e Lealdade**

Tendo por base os elementos do plano de ação de Senuseret I, apontados por Detlef Frank, destacamos os que julgamos ser os três principais: em

---

<sup>1</sup> GRAJETZKI, (2013: 225).

<sup>2</sup> POSTEL, (2004: 2-5).

<sup>3</sup> ASSMANN, (2002: 118).

primeiro, o desejo de comemoração, usando a pedra como suporte para promover a identidade cultural e a memória; em segundo, a procura pela promoção da reciprocidade, ou o que o autor chama de ideal social de comportamento e, em terceiro lugar, a lealdade ao faraó como forma de garante do bem-estar comum, contrapondo-se à aniquilação daqueles que se opuserem a ele.<sup>1</sup>

A análise que propomos procurava explorar alguns conceitos formadores da identidade cultural egípcia e a sua interdependência com a existência do Estado faraônico. Para tal, o ponto de partida foi o desenvolvimento da ideia de que *Maat* atuaria, nos campos políticos e sociais, como uma manifestação da religião invisível e de que a existência de uma sociedade em união calca-se numa estrutura conectiva.

A argumentação apresentada apoia-se, principalmente, nos conceitos de religião invisível e memória cultural, da forma como são desenvolvidos por Jan Assmann.<sup>2</sup> Defendemos que *Maat* atuaria como o princípio formador de uma identidade cultural, transversal à sociedade egípcia na sua totalidade. Igualmente, defendemos que a religião invisível, caracterizada pelo princípio de

*Maat*, foi passível de ser institucionalizada através do campo político e moral, por via da memória cultural. Esta, por sua vez, atua na manutenção da coesão entre gerações, sendo capaz de comunicar e de transmitir um universo simbólico, cuja continuidade era da responsabilidade do Estado faraônico.

Quanto à memória cultural, é importante ressaltar que está sujeita a formas institucionalizadas de mnemotécnica e que possui transmissores especializados, entre os quais, os escribas.<sup>3</sup> Numa esfera letrada da sociedade, os indivíduos têm acesso à participação na memória cultural através dos textos culturais, sendo possível aceder a esta realidade através da literatura, como veremos adiante. Porém, para outras esferas, manifestações de uma ordem distinta também são possíveis como, por exemplo, através da atividade construtora, visto que transmitem igualmente o simbolismo da unidade do grupo. Esta questão é desenvolvida através do caso da Capela Branca, inserindo esta estrutura no contexto do plano construtivo de Senuseret I, entendendo-a como suporte para a promoção de uma memória cultural, integrada no princípio de *Maat* e atuando como meio de expressão e de

---

<sup>1</sup> FRANK, (2001: 395).

<sup>2</sup> ASSMANN, (2006); ASSMANN, (2011).

<sup>3</sup> ASSMANN, (2011: 37-39).



renovação da consciência identitária e conectiva da sociedade egípcia.

A memória cultural é uma das componentes da estrutura conectiva, atuando num nível social e temporal e fornecendo um universo simbólico. Uma outra componente da estrutura conectiva pressupõe uma área comum de experiência, expectativa e ação, caracterizada pela adesão às mesmas leis e valores, provendo confiança e orientação.<sup>1</sup> No campo político, esta estrutura pode ser observada através da aplicação de *Maat* pelas ações do governo, enquanto, no campo social, pode ser observada através da solidariedade e reciprocidade (numa ação ativa de memória).<sup>2</sup> A reciprocidade pressupõe a memória, sendo que esta é a condição da existência da outra. Sem passado não há ação e o que a memória estabelece é justamente o espaço para o desdobramento da ação social.<sup>3</sup>

As raízes da estrutura conectiva são responsáveis pela formação de uma manifestação da identidade e da consciência egípcia e, ao serem encontradas nas manifestações sociais da religião invisível caracterizada por *Maat*, temos como resultado uma capacidade de reflexão e de percepção de uma

consciência muito mais ampla. Desenvolvemos o argumento de que é através do foco na relação do indivíduo com a instituição faraônica que o Lealismo encontra a sua base de apoio, inserido numa lógica de retórica da decisão, que cobra uma escolha íntima e pessoal por parte do indivíduo, mas que afeta toda a sociedade através da estrutura conectiva.

## **A Literatura Lealista e o Lealismo na Literatura**

Central ao entendimento do fenómeno do Lealismo é a sua relação com a literatura. Muito embora, por limitações de espaço, não consigamos desenvolver e apresentar os elementos da análise, apresentaremos os pressupostos pelos quais esta foi conduzida. O ponto de partida para o trabalho desenvolvido foi discutir a interpretação e análise literária, discorrendo sobre o papel da literatura e da cultura escrita na sociedade do Império Médio.

A análise baseou-se no conceito de texto cultural, compreendido como central para tudo que pode ser definido como tradicional e relevante para uma sociedade, ao mesmo tempo que desempenha uma função identitária. Estão, desta forma, inseridos no seio da

---

<sup>1</sup> Ibidem, 2-3.

<sup>2</sup> Ibidem, 210-211.

<sup>3</sup> ASSMANN, (2002: 128).

memória cultural, sendo que na sua composição encontram-se os textos normativos (que transmitem o conhecimento prático, oferecem orientação para a tomada de decisões e codificam o comportamento social) e os textos formativos (que definem a autoimagem do grupo, bem como o conhecimento que reforça a sua identidade e motiva a ação comunal).<sup>1</sup> Por outro lado, não se ignorou que a literatura também servia como válvula de expressão para as preocupações intelectuais no que tange à integração social do indivíduo, como as expectativas sociais frente à realidade, apresentando-se como um modelo dialético para a nova elite intelectual.<sup>2</sup> Desta forma, é possível explorar concepções discordantes existentes num mesmo discurso. Para tal, os principais conceitos de análise foram os de *topos* e *mimesis*, que transmitem tanto as expectativas ideológicas da sociedade quanto os questionamentos e respostas individuais.<sup>3</sup>

Neste sentido, a análise divide-se em dois momentos. No primeiro, são abordados os princípios do lealismo, através da análise d'*As Instruções Lealistas* e d'*As Instruções de um Homem ao seu Filho*. Pretende-se perceber os aspetos normativos e

formativos deste fenómeno. No segundo, são exploradas as respostas individuais, através de uma análise que procura revelar as tensões, contradições e subversões que permeiam a realidade do Lealismo. Para tal, são utilizadas duas narrativas: *A História de Sinuhe* e *As Instruções de Amenemhat*.

## Conclusão

Com esta investigação demonstrou-se como o Lealismo pode ser percebido como um fenómeno político do Império Médio, com um enfoque no indivíduo e na sua relação com o faraó. Inserido num contexto em que a lealdade é vista como qualidade política, ganha espaço apelando à consciência e às virtudes individuais. Apelava também ao elo destas, à estrutura conectiva e às manifestações sociais da religião invisível. Demonstrou-se, igualmente, como este fenómeno pode ser verificado através da literatura, que se apresentava como um modelo dialético de uma elite letrada, sendo capaz de expressar as expectativas sociais e as respostas individuais face à realidade.

---

<sup>1</sup> ASSMANN, (2006: 37, 104); ASSMANN, (2011: 122-123).

<sup>2</sup> LOPRIENO, (1996a: 404, 414).

<sup>3</sup> LOPRIENO, (1996b:45-47).

## Referências bibliográficas

ASSMANN, Jan. *Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance, and Political Imagination*. New York: Cambridge University Press, 2011.

\_\_\_\_\_. *Religion and Cultural Memory*. Stanford: Stanford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *The Mind of Egypt: History and Meaning in the Time of the Pharaohs*. New York: Metropolitan Books, 2002.

FRANKE, Detlef. “Middle Kingdom”. In REDORD, Donald (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2001. 393-400.

GRAJETZKI, Wolfram. “Setting a State Anew: The Central Administration from the End of the Old Kingdom to the End of the Middle Kingdom”. In: MORENO GARCÍA, Juan Carlos. (ed.), *Ancient Egyptian Administration*. Leiden: Brill, 2013. 215-258.

HORNUNG, Erik. *Historia de Egipto*. Madrid: Alderabán, 1978.

LOPRIENO, Antonio. “Defining Egyptian Literature”. In LOPRIENO, Antonio. (ed.), *Ancient Egyptian Literature: History and Forms*. Leiden: E. J. Brill, 1996b. 39-58.

\_\_\_\_\_. “Loyalistic Instructions”. In LOPRIENO, Antonio. (ed.), *Ancient Egyptian Literature: History and Forms*. Leiden: E. J. Brill, 1996a. 403-414.

PINTO, Marcus C. “Confraternizai com Sua Majestade no Vosso Coração!” - O Fenómeno Lealista no Império Médio Inicial, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016.

POSTEL, Lilian. *Protocole des Souverains Égyptiens et dogme monarchique au début du Moyen Empire*. Turnhout: Brepols Publishers, 2004.

